

Olhar crítico...sobre o secundário

comentário ao documento de revisão curricular no ensino secundário

Foi posto em discussão, há poucos meses atrás, um documento do Ministério da Educação sobre uma Revisão Curricular no Ensino Secundário, que surge após a avaliação da implementação da actual reforma e após um processo de diálogo com alguns parceiros e visa melhorar determinados aspectos neste nível de ensino. (...)

Inserção da escola no meio

O documento do Ministério da Educação refere a importância de uma escola aberta ao meio e a outras instituições. Tendo no ano passado a sociedade portuguesa reflectido sobre a autonomia das escolas, arriscamo-nos a ir mais longe: urge um efectivo enraizamento da escola no seu meio, justificado pela importância de ligar as aprendizagens à vida dos alunos. Por outro lado, conhecendo a realidade envolvente, a escola deve ser capaz de intervir de acordo com as solicitações e necessidades das comunidades.

A um outro nível, percebemos que a Escola não tem capacidade de formar os indivíduos na sua plenitude, o que está associado à complexidade do processo educativo e às constantes transformações do mundo em que vivemos. Nesta linha, pensamos que a própria escola deve ser capaz de estabelecer parcerias com outras instituições que, em determinadas situações, sejam capazes de proporcionar uma formação mais adequada aos seus alunos. (...)

Avaliação

Os momentos de avaliação são transformados, a maioria das vezes, em espaços de discussão de classificações a atribuir; são vistos pelos alunos como momentos de grande tensão, onde a injustiça facilmente acontece, já que os métodos utilizados têm em conta apenas alguns aspectos da aprendizagem. Verificamos muitas vezes que os momentos a que chamamos de avaliação e de auto-avaliação, não são mais do que de classificação. O esforço, a aprendizagem e o conhecimento são reduzidos à equivalência de um número numa tabela.

Os dois momentos de natureza qualitativa da avaliação sumativa interna, previstos no documento que apresenta a reforma curricular, podem trazer ao ensino e à aprendizagem motivações positivas. Se professor e aluno se envolverem da mesma forma, se em conjunto perceberem o que há a melhorar e corrigir para se atingirem os objectivos propostos, com certeza que a avaliação será vista de uma forma construtiva. Estes dois momentos novos devem ser valorizados e bem aproveitados numa análise da situação concreta de cada aluno, para que se possa perceber o que há a mudar no seu percurso de aprendizagem. (...)

Articulações desejáveis

Importa-nos, também, aprofundar a desejável articulação entre o ensino secundário, e o básico e o superior, concretamente com a aplicação desta revisão curricular.

Surpreende-nos o facto de esta apenas referir as mudanças no ensino de nível secundário, sem estar integrada numa perspectiva mais global do que se pretende para o ensino em Portugal e sem explicar as consequências que trará, especialmente aos ensinos básico e superior. Relativamente ao ensino básico, apenas temos conhecimento de que está a decorrer um processo de reorganização curricular. (...)

Em relação ao ensino superior, é de realçar o facto de as constantes mudanças no básico e no secundário pouco ou nada terem provocado alterações na integração dos alunos, nos currículos, na forma de leccionar, entre muitas outras, nas instituições de ensino superior. Assistimos, na maior parte das vezes, a um desconhecimento, por parte dos agentes educativos dos dois graus de ensino, do que acontece e das mudanças que se dão naquele em que não leccionam. (...)

Numa análise transversal do documento, concluímos que a maior parte dos princípios enunciados haviam já sido defendidos na anterior reforma. Neste sentido, achamos que as principais mudanças só se darão a partir dos diversos actores do palco educativo (alunos, auxiliares de acção educativa, pais e professores) e não com constantes reformas e revisões curriculares.

Uma última palavra para nós, estudantes: não podemos apenas olhar estas alterações criticamente, como um observador distante. Afinal, a escola existe por nossa causa e para nós e assim também nela temos de nos implicar. Portanto, "...é importante, quando constatamos a urgência de uma transformação, perceber de que forma é que ela passa por nós. E, neste caso, ela não só passa como pode partir de nós, alunos (...) ao tomarmos consciência de que temos o poder de conseguir para a nossa escola aquilo que queremos, com a coragem de assumir responsabilidades."¹

Reafirmamos, a este nível, a necessária educação para a participação e para os valores, que deve levar os estudantes a tomar parte activa na vida da escola e da sociedade.

Equipa Nacional e Comissão de Assessoria para o Ensino Secundário
Movimento Católico de Estudantes
19 de Março de 2000

¹ *In* Por Uma Escola Com Sabor – Texto de Conclusões do Encontro Nacional do Sector dos Ensinos Básico e Secundário do MCE, Fevereiro de 1996